

O legado de dona Rosa da Fonseca

“Os que, com o sacrifício da própria vida, ofertei à pátria”

Álvaro Alves*

Introdução

Nas palavras de Karine Chacon¹ abaixo, são sintetizados os anseios e angústias que são comuns no seio da Família Militar, aqui no texto explorado do ponto de vista da mulher:

Eu não era a única esposa de militar que havia aceitado morar naquelas condições precárias, sem um mínimo de conforto, para acompanhar o marido em sua missão de servir à Pátria. Uma realidade pouco conhecida. Afinal, normalmente escuta-se falar da bravura dos guerreiros de selva, esquece-se das guerreiras que estiveram na retaguarda durante toda a luta. O que muitos não sabem é que a maioria delas se envolve em atividades em prol das comunidades carentes das regiões brasileiras, que elas têm uma luta diária, um árduo trabalho voluntário de amor ao próximo por onde passam e que elas também representam, de maneira significativa, a Pátria brasileira.²

A autora do depoimento acima simboliza o pensamento de algumas esposas de militares, aquelas que são as responsáveis pelo devido apoio e amparo no ambiente familiar militar, tendo em vista que, na maior parte do

tempo, são elas que asseguram a serenidade e a estabilidade do lar.

Da mesma forma, resta-nos entender, no limiar do século XXI, em cujo tempo as facilidades são bem maiores, qual seria a vida e a dificuldade de uma família militar no século XIX, sem, no entanto, nos embrenharmos nos perigos do “anacronismo histórico”. Tentamos compreender o papel e o lugar da mulher naquele contexto de época e assim procurar transportar para os nossos dias o grande sacrifício de nossa homenageada, Rosa da Fonseca³, e, nesse contexto, apresentar um novo olhar da sociedade para o legado que esta mulher do século XIX trouxe para o nosso cotidiano e sua contribuição para a Pátria que temos nos dias de hoje.

Nosso trabalho resume-se em mostrar o “sacrifício de sangue” que dona Rosa da Fonseca fez para a Pátria, ao educar seus bravos filhos a serem dignos do serviço da Pátria.

Rosa da Fonseca — mulher do século XIX

No contexto do século XIX, a mulher estava colocada em segundo plano; mesmo que isto acontecesse de forma velada, essa era

* STen do Exército Brasileiro, historiador e pesquisador do Arquivo Histórico do Exército, mestrando do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Salgado de Oliveira (Niterói-RJ).

a realidade do sexo feminino.

Portanto, Rosa da Fonseca era uma personagem dessa época, e acreditamos que tenha passado por todas as dificuldades e incertezas que rondavam o universo feminino, também pelas esperanças de um futuro que pudesse mudar a realidade de vida.

Rosa Maria Paulina de Barros Cavalcanti nasceu em 18 de outubro de 1802⁴, em Anadia, Alagoas; uma mulher nordestina, inserida no contexto do sertão nordestino.

Segundo Falci⁵, a sociedade nordestina do século XIX era fundamentada no patriarcalismo, altamente estratificada entre homens e mulheres, entre ricos e pobres, entre escravos e senhores, entre brancos e caboclos.

Ainda segundo a autora, a hierarquização entre as mulheres podia ser da seguinte forma:

a senhora, a dama, dona fulana, ou apenas dona, eram categorias primeiras; em seguida ser “pipira” ou “cunhã” ou roceira e, finalmente, apenas escrava e negra. O princípio da riqueza marcava o reconhecimento social. O princípio da cor poderia confirmá-lo ou era abafado, o princípio da cultura preservava. Ser filha de fazendeiro, bem alva, ser herdeira de escravos, gado e terras era o ideal de mulher naquele sertão.⁶

Dona Rosa da Fonseca estava inserida nesse contexto de época, nesta práxis.

Uma característica bem marcante da mulher nordestina e que é relatada por diversos autores pode ser notada em uma das poucas representações de dona Rosa da Fonseca, em um possível “daguerreótipo”⁷, publicado no livro *Rosa da Fonseca e seus filhos*⁸. Na representação, pode-se notar a postura,

o posicionamento do corpo e das mãos, a fisionomia austera e forte, o vestido de mangas compridas mostrando o recato, um dos valores cultivados à época, todos esses, traços que com certeza foram transmitidos à sua digna prole.

A preocupação do casamento das filhas era constante, como nos relata novamente Falci:

No sertão, a preocupação com o casamento das filhas moças foi uma constante. É verdade que muitas mulheres não se casaram, entre outras razões por dificuldades de encontrar parceiros à altura, problemas de herança e dote, mas tão logo passadas as “primeiras regras” (menstruação) e a mocinha fizesse corpo de mulher, os pais começavam a se preocupar com o futuro encaminhamento da jovem para o matrimônio.⁹

Rosa Maria Paulina de Barros Cavalcanti casou-se com Manuel Mendes da Fonseca, militar, passando a usar o nome de Rosa Maria Paulina da Fonseca. Como podemos constatar, a mesma casou-se antes dos 25 anos, uma idade considerada limite para o casamento no século XIX, em que era costume o preparo a partir dos 12 anos.

É notório em nossa historiografia sobre a mulher que, no Nordeste, bem como em outras regiões do Brasil, as atividades femininas eram bastante diversificadas, mas, de um modo geral, bem controladas e rotineiras.

Segundo Falci¹⁰, as mulheres eram treinadas para desempenhar o papel de mãe e as chamadas “prezadas domésticas” — orientar filhos, fazer ou mandar fazer a cozinha, costurar e bordar.

Como sabemos, historicamente o soldo dos militares nunca foi de grandes propor-

ções, o orçamento da família militar sempre foi apertado, o que não poderia ser diferente no caso da família Fonseca. Esse fato nos leva a crer que dona Rosa, assim como outras mulheres não abastadas de sua época, teve de usar de sua criatividade para ajudar no sustento do lar.

Como nos relata Falci¹¹, as mulheres menos afortunadas, viúvas ou de uma elite empobrecida, faziam doces por encomenda, arranjos de flores, bordados a crivo, davam aulas de piano e solfejo; dessa forma, ajudavam no sustento e na educação da prole que, por muitas vezes, era enorme.

Assim, procuramos traçar um perfil da mulher Rosa da Fonseca, uma mulher do seu tempo. Seria tarefa difícil mostrar tudo sobre a mulher desse período nestas poucas linhas, mas é de extrema importância destacar que dona Rosa da Fonseca não pode ser considerada como uma mulher além de seu tempo. Seria indigno e cruel a colocarmos nessa comparação. Dona Rosa da Fonseca, uma mulher do século XIX, encaixada nas regras e obrigações daquela época, viveu e morreu dentro do contexto de seu tempo.

Os que ofertei à Pátria

O juramento do soldado é bem sistemático no que diz respeito à situação de vida ou morte que ronda permanentemente o militar, como bem explicitado a seguir:

Incorporando-me (à Marinha do Brasil; ao Exército Brasileiro; ou à Força Aérea Brasileira), prometo cumprir rigorosamente as ordens das autoridades a que estiver subordinado, respeitar os superiores hierárquicos, tratar com afeição os irmãos de armas,

e com bondade os subordinados, e dedicar-me inteiramente ao serviço da Pátria, cuja Honra, Integridade, e Instituições, **defenderei com o sacrifício da própria vida**.¹²

Em uma de suas partes mais importantes, o juramento do soldado nos coloca diante de um grande e importante dilema “...**defenderei com o sacrifício da própria vida**”. (grifo nosso). Essa frase ecoa por muitas vezes na cabeça dos soldados e possivelmente reflete nas mentes e indagações da Família Militar: “que missão possa ser tão nobre capaz de colocar a vida como um de seus preceitos de continuidade?”.

Pois bem, foi com este sentimento de defesa da Pátria que dona Rosa teve de conviver por toda a sua vida, a apresentar sete filhos à guerra, ao ter a dor de ofertar três deles com “tributo de sangue”.

Sabemos muito dos fatos e atos heroicos de dois filhos de dona Rosa da Fonseca; no caso, o marechal Deodoro da Fonseca, proclamador da República e presidente do Brasil, e João Severiano da Fonseca, militar, médico e patrono do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro.

Mas, nosso trabalho se propõe a falar, principalmente, de seus três filhos mortos na Guerra da Tríplice Aliança. Para isso montaremos, para melhor entendimento e de maneira bem simplificada, a árvore genealógica da Família de dona Rosa.

Dona Rosa da Fonseca, casada com Manuel Mendes da Fonseca, teve dez filhos, sendo oito homens e duas mulheres, são eles:

- Hermes Ernesto da Fonseca;
- Severiano Martins da Fonseca;
- Manoel Deodoro da Fonseca;
- Pedro Paulino da Fonseca;

- Hipólito Mendes da Fonseca;
- Eduardo Emiliano da Fonseca;
- João Severiano da Fonseca;
- Afonso Aurélio da Fonseca;
- Emília Rosa da Fonseca; e
- Amélia Rosa da Fonseca.

Na **Tabela 1**, apresentamos os dados familiares de cada componente do ramo familiar da 1ª geração dos Fonseca, relativos ao seu nascimento e casamento.

Após conhecermos o ramo familiar dos Fonseca, podemos destacar da **Tabela 1** que seus dois filhos Eduardo Emiliano da Fonseca e Afonso Aurélio da Fonseca, ambos mortos na Guerra da Tríplice Aliança, eram solteiros.

Na **Tabela 2**, colocamos em destaque os três filhos mortos de dona Rosa da Fonseca; coincidentemente, dois deles, Hipólito Mendes da Fonseca e Afonso Aurélio da Fonseca, foram mortos em 22 de setembro de 1866, no combate em Curupaiti.

Como podemos perceber nas palavras **“defenderei com o sacrifício da própria vida”** (grifo nosso), novamente aqui lembradas, as

penalidades da família Fonseca em defesa da dignidade da Pátria foram grandes. Mais uma vez, o caráter forte de mulher nordestina acostumada às inconstâncias do sertão, aliada à descrição da mulher do século XIX, teve de ser o sustentáculo da família na passagem por esse difícil momento, o momento de enfrentar a irremediável morte.

Conforme nos lembra Freud em seu livro, *O futuro de uma Ilusão*¹⁵, a morte é um enigma, “contra o qual remédio algum foi encontrado e provavelmente nunca será”. O autor sustenta que a morte é um elemento em que não há controle humano, e que esse fenômeno desafia o homem irremediavelmente.

Com o objetivo de responder quem são os filhos que dona Rosa da Fonseca ofertou à Pátria, mostraremos de maneira bem sintetizada um resumo da vida de cada um deles. Para tanto, usaremos como fontes de apoio duas obras sobre a Família Fonseca os livros *General João Severiano da Fonseca: uma vida dedicada ao serviço de saúde, do Exército e ao Brasil* e *Rosa da Fonseca e seus filhos*, ambos de autoria do general médico Alberto Martins da Silva; usaremos tam-

NOME	NASCIMENTO	CÔNJUGE
Hermes Ernesto da Fonseca	11 Set 1824	Rita Emília Rodrigues Barbosa
Severiano Martins da Fonseca	8 Nov 1825	Maria Amália de Carvalho
Manuel Deodoro da Fonseca	5 Ago 1827	Mariana Cecília de Souza Meireles
Pedro Paulino da Fonseca	6 Jun 1829	Francisca Catarina Francioni
Hipólito Mendes da Fonseca	13 Ago 1831	Guilhermina Carolina Dutra
Eduardo Emiliano da Fonseca	24 Jul 1833	Solteiro
João Severiano da Fonseca	27 Mai 1835	Anália D’Alicourt Sabo de Oliveira
Emília Rosa da Fonseca	26 Fev 1837	Balbino Furtado de Mendonça
Amélia Rosa da Fonseca	20 Mar 1839	Raimundo Ribeiro do Amaral
Afonso Aurélio da Fonseca	11 Set 1845	Solteiro

Tabela 1 – Ramo familiar dos Fonseca¹³

Fonte: familysearch.org

NOME	FALECIMENTO	LOCAL
Afonso Aurélio da Fonseca	22 Set 1866	Curupaiti
Hipólito Mendes da Fonseca	22 Set 1866	Curupaiti
Eduardo Emiliano da Fonseca	6 Dez 1868	Itororó

Tabela 2 – Filhos falecidos em combate¹⁴

Fonte: Silva, 2003

bém o acervo das fés-de-ofício, ordens do dia, almanaques e relatórios depositados no Arquivo Histórico do Exército no Rio de Janeiro.

Para melhor entendimento, faremos a demonstração da vida de cada um, usando como meio de trabalho a exposição de dados biográficos, muito utilizada nos ambientes de pesquisa.

Hipólito Mendes da Fonseca, nascido em 13 de agosto de 1831, em Deodoro-AL, praça de 13 de agosto de 1846, no então Batalhão Depósito de Recrutas, militar da Arma de Artilharia, casado com Guilhermina Coralina Dutra em 9 de março de 1861 em Porto Alegre-RS. Tombou em 22 de setembro de 1866 em Curupaiti, considerada, à época, uma defesa avançada da Fortaleza de Humaitá, segundo consta no livro de autoria do Gen Alberto Martins¹⁶; o corpo do então capitão Hipólito foi trucidado, e não há registros de ter sido encontrado.

No mesmo combate, a família Fonseca perde mais um de seus filhos, dessa vez, **Afonso Aurélio da Fonseca**, nascido em 11 de setembro de 1845, no Rio de Janeiro, praça de 1865, no então 34º Batalhão de Voluntários da Pátria, alferes e porta-bandeira¹⁷ do Batalhão; era solteiro. Foi ferido mortalmente na tentativa de vencer uma posição fortificada em Curupaiti.

O terceiro filho da família Fonseca a tombar foi **Eduardo Emiliano da Fonseca**, nascido em dois de julho de 1833, em Deodoro-AL, praça de sete de dezembro de 1853,

no 1º Batalhão de Infantaria, era solteiro. Tombou em seis de dezembro de 1868 em Itororó, que foi a primeira batalha vencida por Caxias, à época marquês de Caxias, no período que ficou conhecido com a Dezembrada¹⁸, logo após a queda da Fortaleza de Humaitá.

Os três filhos de dona Rosa da Fonseca deixaram um legado de abnegação e dedicação exclusiva ao serviço da Pátria e às lides castrenses. Não se eximiram de cumprir os preceitos e obrigações militares na hora e momento do cumprimento do dever de soldado, nem que para isso tivessem que defender a Pátria com o “sacrifício da própria vida”. Muito obstinada, essa mãe soube entender e suportar as dores de se perder três filhos em uma guerra sangrenta, soube compartilhar a tristeza com outras tantas “Rosas” que passaram pela mesma angústia, soube também esperar seus bravos filhos que retornaram com vida das terras paraguaias, os quais podemos destacar as figuras tão lembradas e reverenciadas do marechal Manuel Deodoro da Fonseca, o proclamador da República e do general João Severiano da Fonseca, patrono do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro.

Conclusão

Concluindo, é importante deixar claro que nosso trabalho não pretende esgotar o as-

sunto, há muito que se pesquisar sobre Rosa da Fonseca e sobre a linhagem militar dos Fonseca. Acreditamos que conseguimos, com a exposição no texto, mostrar um pouco sobre a vida da Família Fonseca, especificamente sobre dona Rosa da Fonseca e também sobre os seus três filhos mortos nas longínquas terras paraguaias.

Acreditamos ainda que, em futuras pesquisas, colocar em questão os filhos “esquecidos” de dona Rosa da Fonseca e também a sua condição de mulher do século XIX abrirá novos parâmetros para o estudo da Família Fonseca e também de outras famílias de militares, e, quem sabe, de objetos de estudo voltados à Família Militar, seu modo de vida, suas condições, seu posicionamento na sociedade, sua forma de pensar politicamente, sua forma de pensar a instituição, seu posicionamento como parte integrante desta Instituição,

o Exército Brasileiro.

Hoje, podemos realizar um paralelo das dificuldades passadas por dona Rosa da Fonseca e das dificuldades enfrentadas pela família militar nos mais distantes rincões deste Brasil e também do exterior; guardando as devidas proporções, não devemos esquecer o sacrifício dessas famílias de hoje, que como a de dona Rosa da Fonseca, enfrentam a distância de sua terra natal, as dificuldades financeiras, os problemas de adaptação nos novos lugares, a separação por longos períodos do seio familiar, entre outras dificuldades do dia a dia.

Para nosso próximo trabalho, fica aqui posto o desafio de estudar também as filhas de dona Rosa da Fonseca; certamente as mesmas deram sua contribuição silenciosa ao legado deixado por Dona da Fonseca, para o Brasil e para a Família Militar. **REB**

Referências

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. **Mulheres de ontem?**: *Rio de Janeiro século XIX*. São Paulo. T.A Queiroz Editor. 1988 p.214.

BRASIL. Portaria Nº 650, de 10 de junho de 2016. Aprova a Diretriz para a entronização de D. Rosa da Fonseca como Patrona da Família Militar e implantação do Dia da Família Militar. Boletim do Exército nº 24 de 17 Jun 2016.

BRASIL. Decreto nº 88.513, de 13 de julho de 1983. Dispõe sobre o Regulamento de Continências, Honras, Sinais de respeito e Cerimonial das Forças Armadas. Coletânea de Leis do Brasil. Acervo do Arquivo Histórico do Exército.

BRASIL. Regulamento de Continências, Honras, Sinais de respeito e Cerimonial das Forças Armadas. Coletânea de Manuais do Exército Brasileiro. Caixa 65. Acervo do Arquivo Histórico do Exército.

BRASIL, Karine Chacon. **A Atuação da Família Militar na Fronteira**. Disponível em: <eblog.eb.mil.br/>, acesso em 15 de outubro de 2016.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. DEL PRIORI, Mary ; BASSANEZI,Carla (Orgs). **História das mulheres no Brasil**. 7ª Ed. São Paulo. Contexto. 2004 p.241-277.

FREUD, Sigmund, Die zukunft einer illusion. **O futuro de uma ilusão**. São Paulo. L&PM pocket, 2010, 25 p.

Registro de Grupo Familiar Fonseca. Disponível em: <familysearch.org>, acesso em 8 de outubro de 2016.

SILVA, Alberto Martins da. **General Severiano da Fonseca:** uma vida dedicada ao serviço de saúde do Exército e ao Brasil. 2ª Ed. Brasília. Edição do Autor. 2007. p. 240.

_____. **Rosa da Fonseca e seus filhos.** 1ª Ed. Brasília. Edição do Autor. 2013. 103 p.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

-
- ¹ Karine Chacon – Esposa de militar que serviu na Amazônia e autora do livro *A Amazônia e Eu*, BIBLIEx.
² <eblog.eb.mil.br>, acessado em 15 de outubro de 2016, às 16:30h. Atuação da Família Militar na Fronteira - Karine Chacon Brasil.
³ Rosa da Fonseca - Portaria Nº650, de 10 de junho de 2016. Aprova a Diretriz para a entronização de D. Rosa da Fonseca como Patrona da Família Militar e implantação do Dia da Família Militar.
⁴ Data de Nascimento constante do banco de dados Family Search e do livro do general Alberto Martins da Silva *Rosa da Fonseca e seus filhos*. 1ª Ed. Brasília. Edição do Autor. 2013. p. 103. Entretanto, há uma lacuna muito grande referente à data de nascimento de Rosa da Fonseca, sendo apresentada por alguns autores a data de 18 de setembro de 1802. O assunto requer uma busca e pesquisa séria em acervos cartoriais e paroquiais na comarca de nascimento de dona Rosa da Fonseca com o cruzamento de informações de nascimento, batismo e casamento.
⁵ In. História das mulheres no Brasil, Mulheres do Sertão Nordestino, p. 242
⁶ Ibidem, p. 242.
⁷ Antigo aparelho fotográfico inventado por Daguerre 1787-1851, físico e pintor francês, que fixava as imagens obtidas na câmara escura numa folha de prata sobre uma placa de cobre.
⁸ Silva Alberto Martins da. Rosa da Fonseca e Seus filhos – Brasília – 1ª Edição, 2013, p. 21.
⁹ Ibidem, p. 256
¹⁰ Ibidem, p. 249
¹¹ Ibidem, p. 249
¹² Inciso V, do Artigo 171 do Decreto nº 88.513, de 13 de julho de 1983.
¹³ <familysearch.org>, acessado em 8 de outubro de 2016, às 14:15h Registro de Grupo Familiar Fonseca; somente foram coletados os dados referentes a nome completo, data de nascimento e nome do cônjuge.
¹⁴ Silva, Alberto Martins da. Rosa da Fonseca e Seus filhos – Brasília – 1ª Edição, 2013, pág 72,82 e 98.
¹⁵ Freud, Sigmund, Die zukunft einer illusion. O futuro de uma ilusão, L&PM pocket, 2010, pág. 25.
¹⁶ Silva Alberto Martins da, Rosa da Fonseca e Seus filhos – Brasília – 1ª Edição, 2013, pág 78
¹⁷ É válido lembrar que Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, foi o primeiro porta-bandeira da primeira bandeira do Brasil independente; ser porta-bandeira era um sinal de grande honra e dedicação.
¹⁸ A “Dezembrada” foi composta pelas batalhas de Itororó (6 de dezembro), de Avaí (11 de dezembro), de LomasValentinas (21 e 27 de dezembro) e terminou com a Rendição de Angustura (30 de dezembro). Todas elas apresentaram elevado grau de mortalidade para os lados da Tríplice Aliança e do Paraguai.